

Eu também não vejo nenhum talvez

Ao redor de uma mesa em formato circular, seis pessoas de gerações variadas dialogam a partir da pergunta «sabes quem eu sou?», conjugada, em *Eco* (2008), com ponderações impregnadas de senso inquisitivo. O encontro produzido à mesa aproxima anciãos e recém-chegados em ambiente monótono, solitário e pesado. André Gomes: «Isto aqui é monótono. Já aqui estás há tanto tempo, e sozinho, não te aborreces?» Em outro trecho, Pedro comenta sobre «o peso de estar sozinho». Junto deles, Cláudia compactua a sensação de vazio e melancolia. Compadecida com o corpo fantasmático que carrega, diz ser apenas «um nome, nada mais». Neste limbo transitório e incerto, diz ter medo de não encontrar ninguém. Ali onde a infertilidade inviabiliza a saudade, não raro, todos se voltam ao menino questionador do indecifrável, quem antecipa questões à assembléia avessa a falsos desafios. A realidade, o instinto, o ritmo, a memória e o amor não escapam à sua mira. Entre uma e outra pergunta, um diálogo gera incertezas sobre o destino, rapidamente rebatidas por dois homens jovens, André e Pedro, desejosos de saber o que resta depois do fatídico sofrimento ao qual somos invariavelmente submetidos. Talvez reste apenas uma voz? A voz que proclama o nome.

André Gomes dirá, adiante: «A única verdade é... bastar-me a mim próprio [...]. Se não puder ser o que sou, prefiro não ser nada.» No entanto, a pergunta que abre o diálogo altera a regra do jogo. Ao perguntar «sabes quem eu sou?» aos seus interlocutores, André inviabiliza qualquer resposta, pois, conforme diz, todos «nascemos e vivemos no desconhecimento». Talvez por isso, ao André Gomes, não coube outra fala senão a da incerteza sobre si próprio: «Já não sei o que sou... qualquer coisa, o que interessa é caminhar.»

Eco constitui-se de diálogos quebradiços, nos quais a solidão aparece como condição propícia ao estado imaginativo; renova e assusta, simultaneamente. A felicidade é atrelada ao encontro, interrompe a angústia da solidão e compromete a perspectiva da «única verdade». É ressonante ao longo do filme e em outras obras de Vasco Araújo. *Pedro* diz estar «sempre à procura de um som que me dê resposta para a felicidade», enquanto ouvimos Cláudia comentar quanto «os desejos e a inquietude fizeram de ti quem tu és, tu que determinas a minha felicidade...». No começo de *Epílogo* (2012), B responde à pergunta «sente-se feliz?», conforme segue: «Quando uma pessoa é infeliz, tem de falar. Não há mais nada para fazer. Foi uma coisa que aprendi e agora já ninguém mo tira.» Cláudia e Pedro consideram o som e o outro como agentes da felicidade. Será possível cogitar, a partir do pronunciamento de B sobre a infelicidade, que a necessidade da fala é requerida para exercitarmos certa distância emocional dos desejos e inquietudes alheios?

O homem é piedade e medo. Pedro, André Gomes, Cláudia e a criança também podem ser lidos como auto-retratos de múltiplas experiências de vida daquele que diz: «se tu não renunciasses às tuas lembranças e aos sonhos, se não depuseres a ansiedade e não aceites o horizonte, não sairás do destino que conheces.» Marcados pela plasticidade da voz singular que atende aos diferentes corpos e os encarna, ouvimos: «mudei de corpo para me sentir outro, mas... vendo bem, não me valeu de nada, continuo o mesmo, tenho é medo de nunca me encontrar!» Seria, a voz, aquilo que nos resta, a imagem do ser que se destina «a dar vida a um corpo humano»? Neste sentido, *Eco* é, também, o espelho que reflete cada corpo situado à frente daquele ocultado parcialmente ao longo do filme.

Com isso, encarar o sexto indivíduo como figura da alegoria do corpo futuro, aquele que observa o «eu» a desdobrar perguntas, transformadas em certezas instáveis, consiste em reconhecê-lo como o sujeito da transmigração de corpos, outro fragmento de sua inerente instabilidade. Com o advento da nova «sombra do mortal», nos termos de Cesare Pavese (1908-1950), outro timbre é acrescido à voz. O outro que dá corpo ao «eu» é a possibilidade inédita de descoberta de si.

Realizado do contato do artista com os *Diálogos com Leucó* (1947), de Pavese, *Eco* privilegia o caminhar, assim como Fernando Birri certa vez definiu a utopia. Situada no horizonte, ela se distanciaria à medida que o caminhante avança. O observador-caminhante, aquele que ocupa o assento vago, é quem se pronuncia ao dizer «eu também não vejo nenhum talvez», após ouvir André Gomes concluir enfaticamente: «procuro-me a mim mesmo. Nunca se procura nada mais.»

Josué Mattos

I also don't see any maybe

Around a table with a circular shape, six people of varied generations have a dialogue starting from the question “Do you know who I am?”, conjugated, in “Eco” (2008), with ponderations impregnated with inquisitive sense. The table meeting brings together ancients and newcomers in a monotonous, lonely and heavy environment. André Gomes: “It’s monotonous here. You’ve been here for such a long time, and all alone, don’t you get bored?”. In another part, Pedro comments about “the weight of being alone”. Close to them, Claudia complies with the feeling of emptiness and melancholia. Suffering with the ghostly body it carries, she says she is only “a name, no more”. In this transitional and uncertain limbo, she says she is afraid of not finding anyone. There, in the place where infertility makes missing unfeasible, which is not rare, everyone turns to the boy that questions the indecipherable, who questions in advance the assembly averse to false challenges. Reality, instinct, rhythm, memory and love don’t escape its aim. Between questions, a dialogue brings up uncertainties about fate, rapidly rebutted by two young men, André and Pedro, eager to know what is left after the inevitable suffering we are invariably subjected to. Maybe only a voice is left? The voice that proclaims the name.

André Gomes will say, further into the film: “The only truth is... to be self-sufficient [...]. If I’m not able to be what I am, I rather be nothing”. However, the question that opens the dialogue alters the rules of the game. When asking “do you know who I am?” to his interlocutors, André makes any answer impossible, because, as he says, we all are “born and live in ignorance”. Maybe because of that, André Gomes didn’t have any other line rather than the one on uncertainty about himself: “I don’t know what I am anymore... anything, going ahead that’s what matters”.

Eco is made of broken dialogue, in which solitude comes up as a condition that is beneficial to the imaginative state; renovates and scares, simultaneously. Happiness is harnessed to encounters, interrupts the anguish of loneliness and compromises the “only truth” perspective. This resonates in the whole film and in other works by Vasco Araújo. Pedro says he is “always looking for a sound that gives me the answer for happiness”, while we hear Claudia comment on how much “desires and restlessness made you who you are, you, who determines my happiness...”. At the start of *Epílogo* (2012), B answers the question “do you feel happy?”, as follows: “When someone is unhappy, they have to speak. There’s nothing else to do. That was something I learned and no one can take that away from me”. Claudia and Pedro consider sound and the other as agents of happiness. Would it possible to ponder, from B’s pronouncement on unhappiness, that the necessity of speech is summoned to exercise a certain emotional distance from desires and anxieties of others?

A human is pity and fear. Pedro, André Gomes, Claudia and the child can also be read as self-portraits of multiple life experiences of the one that says: "if you don't renounce to your memories and dreams, if you don't abstain from anxiety and don't accept the horizon, you will not be able to escape the destiny you already know". Marked by the plasticity of the singular voice that tends to the different bodies and embodies them, we hear: "I changed bodies in order to feel like someone else but... now I can see that it was not worth it. I am still the same, in reality what I am afraid of is to never find myself!" Would it be the voice, what is left, the image of the being that is destined to "give life to a human body"? In this sense, "Eco" is also the mirror that reflects each body in front of the one partially hidden throughout the film.

With this, to face the sixth individual as a figure of the allegory of the future body, the one that observes the "I" unfolding questions, transformed in unstable certainties, consists in recognizing him as the subject of the transmigration of the bodies, another fragment of its inherent instability. With the advent of the new "shadow of the mortal", in Cesare Pavèse (1908 - 1950) terms, another tone is added to the voice. The other which gives body to the "I" is the never before seen possibility of the discovery of the self.

Made because of the artist's encounter with "Diálogos com Leucò" (1947) by Pavèse, "Eco" privileges walking, as well as Fernando Birri once defined utopia. Situated in the horizon, she would distance herself while the walker goes forward. The observer-walker, the one that occupies the empty seat, is the one that pronounces when saying "I also don't see any maybe", after hearing André Gomes conclude emphatically: "I'm looking for myself. One never looks for anything else".

Josué Mattos